

**19º SEMINÁRIO DE DIAMANTINA**  
**Diamantina/MG – 29/8 a 02/9 de 2022**

**Produção agropecuária e concentração fundiária no estado de Minas Gerais em 1920**

Ana Luiza Gomes Araújo<sup>1</sup>  
Luiz Mateus da Silva Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este trabalho analisa a produção agropecuária e a concentração fundiária no estado de Minas Gerais em 1920. A análise revela que, nessa época, o maior ou menor grau de diversificação na agricultura regional mineira não parece estar associado a maior ou menor concentração fundiária. Esta, porém, era mais forte nas regiões de Minas Gerais onde a atividade de criação pecuária possuía maior relevância econômica. Além disso, verifica-se que nas zonas mineiras produtoras de café, principal produto de exportação da economia brasileira na época, a desigualdade na distribuição da propriedade da terra era relativamente baixa.

**Palavras-chave:** Concentração fundiária. Especialização agropecuária. Minas Gerais.

**Área 3: História Econômica, do Pensamento Econômico e Demografia Histórica**

**1. Introdução**

Nas primeiras décadas do século XX, o café, principal produto de exportação do Brasil e motor da economia brasileira, ocupava lugar de destaque na estrutura produtiva de Minas Gerais, na época, o segundo maior produtor cafeeiro do país, atrás do estado de São Paulo. A pecuária e a produção de laticínios eram outras importantes atividades da economia mineira naquela época. Como se sabe, ambas as atividades, cafeicultura e pecuária, encontram na posse e no uso extensivo da terra sua base organizacional. Assim sendo, é de supor que, nas primeiras décadas século XX, a propriedade da terra em Minas Gerais era fortemente concentrada. Nesse contexto, também é razoável supor, à primeira vista, que a estrutura produtiva agropecuária de Minas Gerais tendia a ser pouco diversificada.

À vista disso, este artigo examina a produção agropecuária e a concentração fundiária no estado de Minas Gerais em 1920. A principal fonte utilizada é o Censo Agrícola do Brasil daquele ano. Vale notar, devido aos padrões históricos de transformações na agricultura brasileira, o Censo Agrícola de 1920, o primeiro que permite avaliar a produção agrícola e a concentração fundiária no conjunto do Brasil, parece representar, em linhas gerais, um retrato da produção agropecuária e da concentração fundiária predominantes no país desde as últimas décadas do século XIX. Os indicadores e estatísticas calculados a partir dessa importante fonte primária permitem avaliar a especialização e a diversificação produtiva regional, bem como

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

analisar a relação entre estrutura da produção agropecuária e concentração fundiária nas regiões mineiras de 1920. Os resultados apresentados neste artigo complementam a história econômica de Minas Gerais e do Brasil, uma vez que são escassas as informações e estatísticas sobre diversificação produtiva na agricultura e concentração fundiária no país nas primeiras décadas do século XX.

O trabalho está dividido em cinco seções incluindo esta introdução. A primeira seção examina a estrutura da produção agropecuária de Minas Gerais em 1920. A segunda seção apresenta os níveis de especialização e diversificação na agricultura regional no estado mineiro naquele ano. Depois, na terceira seção, são analisadas a estrutura fundiária e a desigualdade na distribuição da propriedade da terra nas regiões mineiras e no estado de Minas Gerais como um todo em 1920. A quarta seção discute a relação entre concentração fundiária e estrutura produtiva agrícola regional em Minas naquele ano. Por fim, na quinta seção, são apresentadas as principais conclusões deste estudo.

## **1. Estrutura da produção agropecuária regional de Minas Gerais em 1920**

### *1.1. Produção Pecuária*

Em 1920, Minas Gerais concentrava 21,5% do rebanho brasileiro de bovinos, principal espécie de gado pecuário do país. Em números absolutos, Minas Gerais era o estado brasileiro com o segundo maior rebanho bovino do país, atrás do Rio Grande do Sul (BRASIL, 1923). Na época, as regiões Triângulo Mineiro e Sul de Minas concentravam, juntas, mais de 40% do número total de cabeças de gado bovino de Minas Gerais; a importância, porém, da criação bovina na estrutura da atividade pecuária dessas regiões era significativamente distinta. As Tabelas 1 e 2 a seguir mostram que, no Triângulo Mineiro, o gado bovino correspondia a quase três quintos do total dos rebanhos de todas as espécies recenseadas nessa região, enquanto no Sul de Minas, onde predominava a criação de suínos, o gado bovino representava 44,1% do rebanho total. Além disso, nota-se que, em 1920, a criação de bovinos tinha maior importância relativa na estrutura da atividade pecuária do Noroeste mineiro (83,1%), bem como era relativamente importante nas regiões Centro-Oeste (65,8%), Norte (62,4%) e Central (53,4%) de Minas Gerais (Tabela 2).

Tabela 1 – Número de cabeças e participação das regiões mineiras na criação do gado existente nos imóveis rurais recenseados em 1920 no estado de Minas Gerais segundo as espécies

Região/MG	Bovina		Equina		Muar		Ovina		Caprina		Suína		Rebanho Total	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Central	739.976	10,8	134.097	14,5	79.685	27,1	15.109	6,4	8.448	5,4	408.657	9,6	1.385.972	10,9
Centro-Oeste	774.835	11,3	64.332	6,9	13.270	4,5	18.171	7,6	4.614	2,9	302.815	7,1	1.178.037	9,3
Leste	575.211	8,4	139.833	15,1	67.509	23,0	43.361	18,2	30.795	19,5	852.775	20,1	1.709.484	13,4
Noroeste	405.930	5,9	42.059	4,5	2.721	0,9	1.970	0,8	2.698	1,7	32.852	0,8	488.230	3,8
Norte	777.241	11,3	158.942	17,1	31.387	10,7	28.792	12,1	29.027	18,4	220.154	5,2	1.245.543	9,8
Sul	1.365.667	19,9	181.907	19,6	44.528	15,2	73.235	30,8	36.145	22,9	1.395.909	32,9	3.097.391	24,3
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1.462.278	21,3	105.757	11,4	13.552	4,6	37.076	15,6	9.979	6,3	358.174	8,4	1.986.816	15,6
Mata	774.820	11,3	100.245	10,8	41.092	14,0	20.096	8,5	36.082	22,9	668.382	15,8	1.640.717	12,9
Minas Gerais	6.875.958	100	927.172	100	293.744	100	237.810	100	157.788	100	4.239.718	100	12.732.190	100

Fonte: Elaboração dos autores a partir das informações do Censo Agrícola de 1920 (BRASIL, 1923, p. 60-61; 454-465)

Tabela 2 – Minas Gerais: proporção da composição do rebanho de gado existente nas regiões mineiras em 1920 segundo as espécies

Região	Bovina	Equina	Muar	Ovina	Caprina	Suína	Total
Central	53,4%	9,7%	5,7%	1,1%	0,6%	29,5%	100%
Centro-Oeste	65,8%	5,5%	1,1%	1,5%	0,4%	25,7%	100%
Leste	33,6%	8,2%	3,9%	2,5%	1,8%	49,9%	100%
Noroeste	83,1%	8,6%	0,6%	0,4%	0,6%	6,7%	100%
Norte	62,4%	12,8%	2,5%	2,3%	2,3%	17,7%	100%
Sul	44,1%	5,9%	1,4%	2,4%	1,2%	45,1%	100%
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	73,6%	5,3%	0,7%	1,9%	0,5%	18,0%	100%
Mata	47,2%	6,1%	2,5%	1,2%	2,2%	40,7%	100%

Fonte: Elaboração dos autores a partir das informações do Censo Agrícola de 1920 (BRASIL, 1923, p. 454-465)

Convém observar, nas primeiras décadas do século XIX, uma parcela importante do rebanho bovino das regiões Centro-Oeste, Noroeste, Triângulo Mineiro, Mata e Sul de Minas abastecia abatedouros e frigoríficos dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses dois Estados também estavam entre os principais mercados consumidores da produção mineira de suínos e seus derivados, especialmente porco salgado, toucinho e salsicha (WIRTH, 1982). Além disso, no conjunto da atividade pecuária mineira, destaca-se a produção de laticínios (leite, manteiga e queijo), atividade na qual Minas Gerais possuía proeminência entre os estados brasileiros. Cabe destacar, em 1920, o estado mineiro era responsável por nada menos que metade da produção de leite do Brasil, enquanto o famoso queijo de Minas representava mais de 60% do total da produção nacional de queijo; Minas Gerais também era o segundo maior Estado produtor de manteiga do país, sendo responsável pela fabricação de aproximadamente 30% da produção nacional (BRASIL, 1924).

As regiões Mata (33,1%) e Sul (33,6%) de Minas eram as principais produtoras de leite do estado mineiro em 1920, concentrando mais de dois terços da produção estadual. Além disso, essas duas regiões produziram, juntas, mais da metade do queijo e da manteiga fabricados em Minas Gerais na época. A Tabela 3 mostra a participação regional no total da produção de laticínios de Minas Gerais em 1920.

Tabela 3 – Minas Gerais: participação regional na produção de laticínios em 1920 (em %)

Região/MG	Produção de laticínios em %		
	Leite	Manteiga	Queijo
Central	19,2	23,0	22,4
Centro-Oeste	10,6	14,7	8,7
Leste	1,35	1,9	3,6
Noroeste	0,10	0,5	0,4
Norte	0,3	0,8	2,5
Sul	33,6	39,4	28,2
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,8	5,8	9,0
Mata	33,1	14,0	25,2
Minas Gerais	100	100	100

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir do Censo Agrícola de 1920 (BRASIL, 1924, p. 462-474).

Resumindo, em 1920, a atividade pecuária ocupava lugar de destaque na economia de Minas Gerais. Regionalmente, a zona da Mata e o Sul de Minas sobressaíam-se na produção de laticínios e na fabricação de gêneros derivados de suínos. Por outro lado, as regiões Triângulo Mineiro, Centro-Oeste e Noroeste de Minas destacavam-se na criação e na comercialização de gado vivo. Não obstante, em 1920, a pecuária era o segundo setor mais importante da economia mineira, atrás da agricultura, cuja produção será avaliada na próxima seção.

## 1.2. Produção Agrícola

Em 1920, o café, principal produto de exportação do Brasil na época, ocupava quase 42% da área cultivada nas propriedades agrícolas de Minas Gerais, que, naquele ano, produziu cerca de um terço da safra brasileira de café. A relevância da cafeicultura na agricultura mineira nessa época é indiscutível, porém, a Tabela 4 a seguir mostra que as diferenças regionais no cultivo do café eram consideráveis no estado mineiro. Por exemplo, enquanto as regiões Mata, Leste e Sul de Minas tinham mais de dois quintos de suas terras cultivadas produzindo café, as regiões Norte e Noroeste de Minas Gerais apresentavam participações ínfimas na cafeicultura.

Igualmente consideráveis naquela época eram as variações regionais no cultivo de milho e feijão em Minas Gerais. Convém observar que, embora fossem gêneros comuns e geralmente produzidos em praticamente todas as regiões brasileiras, em 1920, quase metade da área das terras cultivadas no Brasil com milho e feijão pertencia a propriedades rurais mineiras. Assim, nessa época, o cultivo desses dois gêneros, cujas produções eram basicamente destinadas ao abastecimento do mercado interno, era destaque na agricultura mineira. Em 1920, as regiões Noroeste, Central, Norte e Centro-Oeste de Minas tinham mais da metade de sua área plantada com milho e feijão. Esses produtos, cujo cultivo geralmente era associado na mesma lavoura, também ocupavam grande parcela das terras cultivadas no Triângulo Mineiro. Em menor proporção, Mata, Leste e Sul de Minas, regiões onde predominava o cultivo de café, também possuíam uma área significativa plantada com milho e feijão (Tabela 4).

Ainda conforme a Tabela 4, diferentes gêneros agrícolas como mandioca, trigo, batata inglesa, maniçoba, mamona, algodão, coco e cacau, reunidos nas Tabelas 4 e 5 a seguir como Diversos, assim como a lavoura de cana de açúcar, tinham maior participação na área cultivada de regiões onde a cafeicultura era relativamente pequena, como no Noroeste e Norte de Minas. Por outro lado, o arroz, pouco cultivado nas zonas cafeeiras Mata e Sul, ocupava mais de um quinto da extensão das lavouras do Triângulo Mineiro, onde as plantações de cereais (arroz, milho e trigo) representavam mais de 63% da área das terras cultivadas nessa região em 1920.

Não obstante, verifica-se na Tabela 5 a seguir que as zonas cafeeiras Mata e o Sul eram as principais regiões de produção agrícola de Minas Gerais em 1920. Nota-se que, além de apresentarem as maiores participações na área plantada com café, o Sul e a Mata também estavam entre as regiões mineiras com as maiores participações na área total plantada com milho, feijão e arroz no estado mineiro. Somadas, as lavouras dessas duas regiões ocupavam mais de três quintos da área total cultivada nas propriedades rurais mineiras em 1920.

Tabela 4 – Participação na área plantada de diferentes produtos em relação à área total cultivada das regiões de Minas Gerais em 1920 (em %)

Região/MG	Milho	Arroz	Feijão	Cana de açúcar	Fumo	Café	Diversos*
Central	46,9	4,8	11,0	12,2	0,2	21,9	3,1
Centro-Oeste	42,3	9,8	11,5	7,4	0,2	25,9	3,0
Leste	19,5	10,5	10,3	7,4	0,9	44,7	6,7
Noroeste	38,0	18,2	22,2	16,3	0,1	1,2	3,9
Norte	32,4	12,4	21,0	10,4	2,3	7,1	14,4
Sul	32,9	5,8	11,6	4,2	3,9	40,7	0,9
Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba	36,7	26,9	12,3	7,1	0,5	14,7	1,9
Mata	19,2	3,6	6,7	10,0	0,5	59,7	0,4
Total Minas Gerais	29,0	7,5	10,1	8,0	1,5	41,8	2,2

**Nota:** \* Inclui os seguintes produtos: trigo, mandioca, algodão, mamona, maniçoba, coco, batata inglesa e cacau.

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir do Censo Agrícola de 1920 (BRASIL, 1924, p. 369-381).

Tabela 5 – Participação regional na área plantada com produtos em relação à área total cultivada no estado de Minas Gerais em 1920 (em %)

Região/MG	Milho	Arroz	Feijão	Cana de açúcar	Café	Fumo	Diversos*	Total
Central	16,0	6,3	10,8	15,0	5,2	1,4	13,7	9,9
Centro-Oeste	9,7	8,6	7,6	6,1	4,1	1,1	8,8	6,6
Leste	7,2	15,1	11,0	10,0	11,5	6,2	32,7	10,8
Noroeste	0,8	1,6	1,4	1,3	0,02	0,1	1,2	0,6
Norte	3,3	4,9	6,2	3,9	0,5	4,6	19,5	3,0
Sul	30,8	21,1	31,3	14,2	26,5	72,9	11,5	27,2
Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba	9,0	25,6	8,7	6,3	2,5	2,2	6,1	7,1
Mata	23,1	16,7	23,0	43,4	49,7	11,5	6,4	34,8
Total Minas Gerais	100	100	100	100	100	100	100	100

**Nota:** \* Inclui os seguintes produtos: trigo, mandioca, algodão, mamona, maniçoba, coco, batata inglesa, cacau.

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir do Censo Agrícola de 1920 (BRASIL, 1924, p. 369-381).

Ainda conforme a Tabela 5, a zona da Mata possuía mais de dois quintos das terras mineiras cultivadas com cana de açúcar, enquanto o Sul de Minas concentrava quase três quartos das plantações de fumo do de Minas Gerais. As zonas cafeeiras Sul e Mata ainda reuniam, juntas, 62% da área total cultivada no estado mineiro com diversos produtos agrícolas. Assim, mesmo direcionando menos hectares de sua área de cultivo agrícola para o plantio de gêneros que não o café, a extensão absoluta de terras cultivadas com alimentos destinados ao abastecimento interno garantia às regiões cafeeiras Mata e Sul de Minas uma posição de destaque na agricultura não exportadora do estado mineiro em 1920. Por outro lado, nas regiões Norte e Noroeste de Minas Gerais, o cultivo de gêneros agrícolas de exportação (cana de açúcar, café, fumo,), assim como a lavoura de produtos tradicionalmente destinados ao abastecimento do mercado interno (milho, arroz e feijão), tinha pouca ou nenhuma expressividade no conjunto da agricultura estadual (Tabela 5). Assim, ao que tudo indica, a produção agrícola dessas regiões possuía fraca integração comercial no circuito exportador da época, o que parece ter limitado o desenvolvimento econômico regional do Norte e Noroeste de Minas Gerais.

Em suma, o café, principal produto de exportação da economia brasileira nas primeiras décadas do século XX, se destacava como gênero dominante na estrutura produtiva agrícola de Minas Gerais em 1920. Não obstante, diferentes culturas de alimentos tradicionalmente destinados ao abastecimento do mercado interno ocupavam parcela considerável da área total cultivada das propriedades rurais mineiras naquele ano. Na época, as variações regionais no cultivo agrícola eram significativas, com algumas regiões como o Triângulo Mineiro, Noroeste e Norte de Minas concentrando-se no cultivo de produtos que não eram destinados à exportação. Ainda assim, as zonas cafeeiras Mata e Sul de Minas apresentavam as maiores participações no cultivo de gêneros geralmente destinados ao abastecimento interno, como milho, arroz e feijão.

É importante notar que a diversidade na produção agropecuária regional no estado de Minas Gerais em 1920, em parte, reflete uma das principais características da economia mineira do século XIX: a produção diversificada destinada ao abastecimento interno e externo a Minas Gerais. Segundo diferentes estudos, no século XIX, as regiões mineiras caracterizavam-se economicamente pela diversificação da produção de gêneros agrícolas e pecuários, simples ou transformados.<sup>3</sup> Assim, como reflexo do padrão da dinâmica produtiva regional oitocentista, verifica-se que, apesar da relevância da cafeicultura, em 1920, a produção agropecuária de Minas Gerais era bastante diversificada. A próxima seção examina detalhadamente essa diversificação da agricultura mineira em 1920.

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, ver Lenharo (1979), Paiva (1996), Paiva e Godoy (2002), Corrêa do Lago (2014).

## 2. Diversificação da produção agropecuária regional em Minas Gerais

Com o objetivo de avaliar a diversificação regional na agricultura mineira em 1920, foram estimados índices de especialização produtiva, que, dentro das delimitações e objetivos deste estudo, relacionam a área de cultivo de um produto específico em uma determinada região de Minas Gerais e a área total ocupada com a plantação desse produto no conjunto do estado mineiro. Seguindo Crocco *et al* (2006) e Colistete (2015), o índice de especialização na produção agrícola pode ser calculado como:

$$espag = \frac{\frac{e_i}{e}}{\frac{E_i}{E}}$$

onde *espag* é o índice de especialização agrícola;  $e_i$  é a área cultivada com o produto *i* na região; *e* é a área cultivada total na região;  $E_i$  é a área cultivada com o produto *i* no estado mineiro; e *E* é a área cultivada total em Minas Gerais. Assim sendo, um *espag* superior a 1 (um) indica especialização de cultivo de determinado gênero agrícola na região especificada. Vale notar, o índice de especialização produtiva ou quociente locacional (QL) “busca expressar a importância comparativa de um segmento produtivo para uma região vis-à-vis à macrorregião na qual aquela está inserida” (PAIVA, 2006, p. 92). Ainda segundo esse autor, não há apenas uma definição para o termo especialização. Dessa forma, o índice de especialização agrícola não será entendido neste estudo como sinônimo de monocultura, e sim pela “perspectiva de que uma economia pode ser multiespecializada; o que implica negar e dialetizar a oposição simples entre especialização e diversificação” (PAIVA, 2006, p. 91).

A Tabela 6 apresenta as estimativas do índice de especialização agrícola das regiões de Minas Gerais e do estado mineiro como um todo em 1920. Verifica-se que, das três principais zonas cafeeiras mineiras da época, apenas o Sul de Minas não possuía especialização produtiva no cultivo de café, enquanto a zona da Mata era especializada na produção de cana de açúcar e o Leste, no cultivo de arroz, feijão e diversos gêneros agrícolas, além de café.

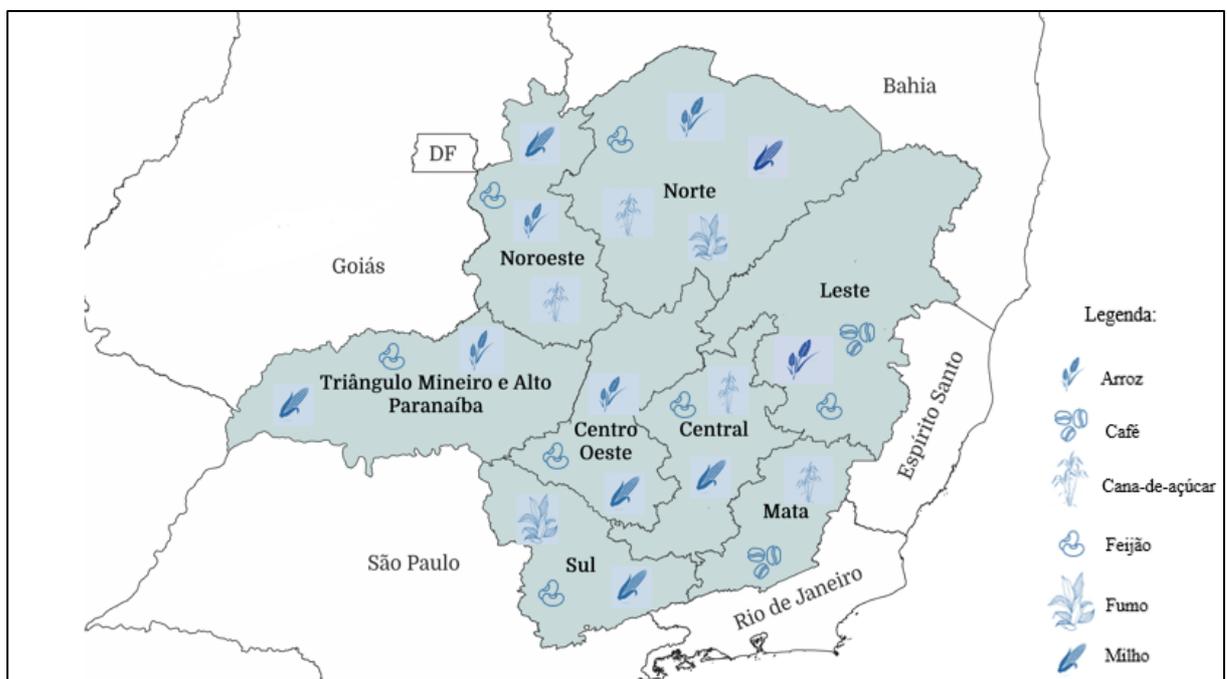
Tabela 6 – Minas Gerais: especialização agrícola por região segundo a área cultivada, 1920

Região/MG	Milho	Arroz	Feijão	Cana de açúcar	Café	Fumo	Diversos*
Central	1,62	0,64	1,09	1,52	0,53	0,14	1,39
Centro-Oeste	1,46	1,31	1,14	0,92	0,62	0,16	1,34
Leste	0,67	1,40	1,03	0,93	1,07	0,58	3,04
Noroeste	1,31	2,44	2,20	2,03	0,03	0,09	1,79
Norte	1,12	1,66	2,09	1,29	0,17	1,55	6,54
Sul	1,14	0,78	1,15	0,52	0,97	2,68	0,42
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,27	3,60	1,22	0,88	0,35	0,32	0,86
Mata	0,66	0,48	0,66	1,25	1,43	0,33	0,18
Minas Gerais	1,23	0,93	1,00	1,29	1,25	0,92	0,13

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir do censo agropecuário brasileiro de 1920 (BRASIL, 1924, p. 369-381).

Ainda conforme a Tabela 6, as regiões Centro-Oeste, Norte e Noroeste de Minas Gerais apresentavam especialização produtiva na agricultura não-exportadora, isto é, no cultivo de milho, arroz, feijão e diversos gêneros agrícolas destinados ao mercado interno. Além dessas culturas, o Norte e Noroeste de Minas eram especializados na produção de cana de açúcar, assim como a região Central, que também possuía especialização produtiva no cultivo de milho, feijão e diversos. Igualmente, o Triângulo Mineiro era especializado na produção de gêneros agrícolas tradicionalmente destinados ao abastecimento do mercado interno. A Figura 1 mostra mais nitidamente as especializações agrícolas regionais de Minas Gerais em 1920.

Figura 1 – Minas Gerais: especialização agrícola regional em 1920



**Nota:** A Figura 1 foi elaborada pelos autores a partir das informações da base cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos dados referentes às Áreas Mínimas Comparáveis (AMC) para 1920, disponibilizados no Ipeadata. A relação dos municípios de Minas Gerais em 1920 conforme suas regiões está na Quadro A1 do Apêndice. Sobre AMC ver Reis *et al* (2011).

**Fonte:** Tabela 6.

Por outro lado, nota-se na Figura 2 a seguir que, em 1920, as regiões Triângulo Mineiro, Centro-Oeste, Norte e Noroeste de Minas apresentavam especialização produtiva na pecuária bovina, enquanto as zonas Mata, Leste e Sul de Minas tinham especialização na criação de suínos.

Figura 2 – Minas Gerais: especialização produtiva pecuária regional em 1920



**Fonte:** Elaboração dos autores a partir das informações do censo agropecuário brasileiro de 1920 (BRASIL, 1924).

Ainda conforme a Tabela 6, o estado de Minas Gerais, segundo maior produtor cafeeiro do Brasil, apresentava, em 1920, especialização produtiva não apenas no cultivo de café, mas também na produção de milho, feijão e cana de açúcar. Além disso, nessa época, o estado mineiro possuía especialização produtiva na criação de bovinos e suínos. Portanto, os índices de especialização agrícola e pecuária de Minas Gerais sugerem que, por volta de 1920, a diversificação agropecuária regional, bem como no estado mineiro como um todo, era muito maior do que se tende presumir a partir da análise agregada da economia de Minas Gerais ou do estudo do contexto econômico brasileiro da época, reconhecidamente marcado pelo predomínio da cafeicultura. Ainda assim, convém avaliar se, em 1920, o grau de diversificação na agricultura mineira estava associado à extensão da área cultivada com café ou, ainda, se era influenciado pela atividade pecuária extensiva. Para tanto, estimou-se o grau de diversificação da área cultivada nas regiões mineiras e no conjunto do estado de Minas Gerais em 1920.

Conforme Colistete (2015), analogamente ao índice de especialização produtiva, o grau de diversificação agrícola pode ser calculado como:

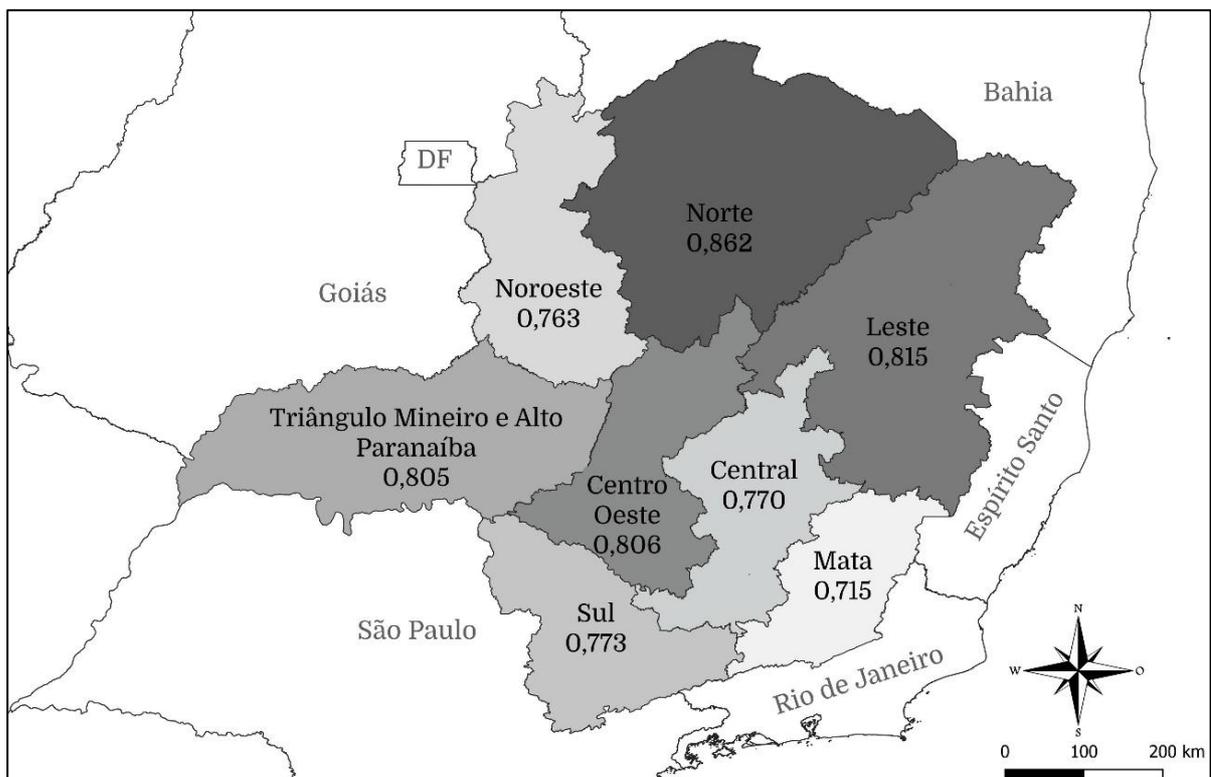
$$\text{Índice de diversificação agrícola} = 1 - \frac{\text{percentual da área total cultivada com produtos } n}{\text{número de produtos } n}$$

onde “produtos  $n$ ” correspondem aos gêneros agrícolas com 5% ou mais de área cultivada na região. Singh e Dhillon (2004) explicam que o índice de diversificação agrícola permite generalizar a relação entre a vantagem comparativa do cultivo de determinado produto rural e

o número de gêneros agrícolas cultivados na região, uma vez que o predomínio do cultivo de determinado produto influencia outras culturas. Assim, quanto maior o número de produtos e quanto mais próximo for o percentual da área cultivada dos gêneros agrícolas de uma região, maior será o índice de diversificação agrícola (SINGH; DHILLON, 2004).

A Figura 3 mostra as estimativas dos índices de diversificação agrícola das regiões mineiras em 1920.<sup>4</sup> Nota-se que, nessa época, as regiões Norte (0,862), Centro-Oeste (0,806) e Triângulo Mineiro (0,805) estavam entre as áreas com os maiores índices de diversificação agrícola de Minas Gerais. Convém lembrar que, em 1920, as regiões Triângulo Mineiro, Norte e Centro-Oeste de Minas apresentavam especialização produtiva na criação de bovinos, sendo essa uma atividade característica dessas regiões. Por outro lado, é importante observar que, apesar da diversificação na agricultura, grande parte da produção agrícola dessas três regiões era de gêneros comuns (arroz, feijão, milho) geralmente destinados à subsistência. Assim sendo, o alto grau de diversificação agrícola observado no Triângulo Mineiro, Norte e Centro-Oeste não parece ter influenciado na dinâmica do desenvolvimento dessas regiões, reconhecidamente especializadas na atividade pecuária.

Figura 3 – Minas Gerais: diversificação da produção agrícola regional em 1920

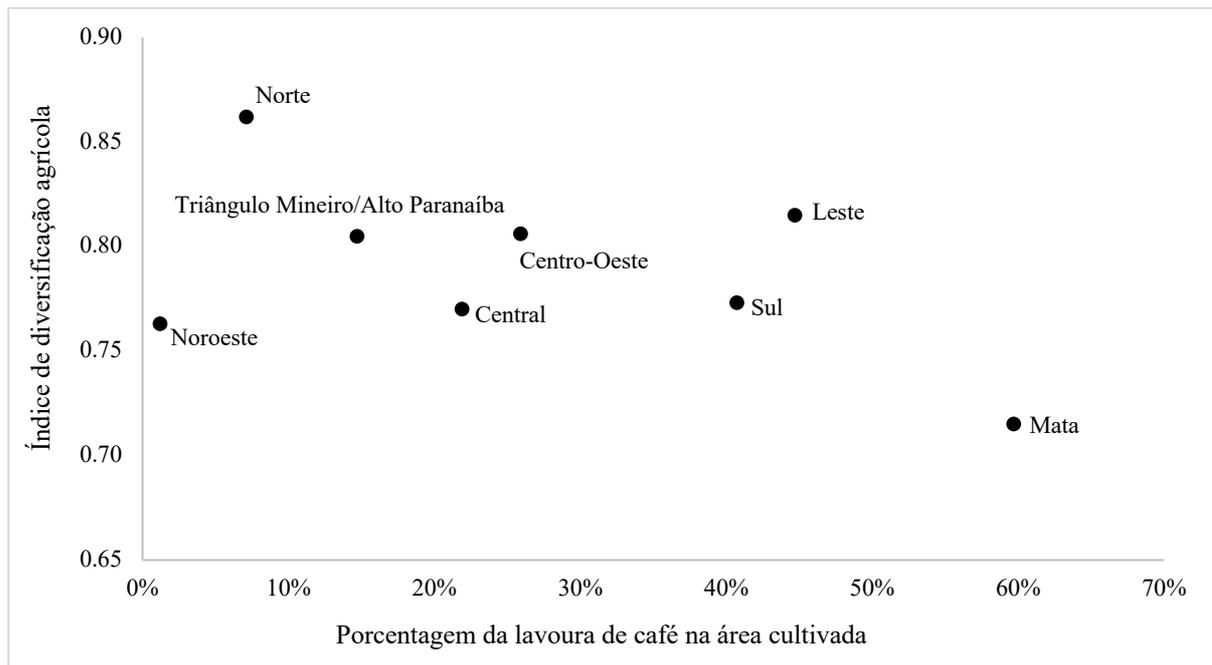


**Fonte:** Elaboração dos autores a partir do censo agropecuário brasileiro de 1920 (BRASIL, 1924, p. 369-381).

<sup>4</sup> Ver também a Tabela A2 do Apêndice.

Por outro lado, os índices regionais de diversificação agrícola sugerem que, em 1920, a maior importância do cultivo do café nas zonas cafeeiras Mata, Sul e Leste de Minas não implicava menor diversificação na agricultura dessas regiões. Não obstante, a Figura 4 abaixo revela a existência de uma relação inversa entre índice de diversificação agrícola e participação da lavoura cafeeira no total da área cultivada nas regiões mineiras em 1920. Vale notar, essa relação é observada mesmo nas regiões não especializadas na produção de café, como a Central e Centro-Oeste de Minas.

Figura 4 – Minas Gerais: área cultivada com café e diversificação agrícola regional em 1920



Fonte: Tabela 4 e Tabela A1 do Apêndice.

É importante observar que a diminuição do índice de diversificação agrícola à medida que a área cultivada com café aumenta não significava que o cultivo de outros gêneros agrícolas era inexpressivo nas principais zonas cafeeiras de Minas Gerais. Aliás, como visto, o Sul de Minas, embora fosse uma das mais importantes regiões produtoras de café do estado mineiro, não apresentava especialização na produção cafeeira e possuía as maiores áreas cultivadas com produtos destinados ao abastecimento do mercado interno, como milho, arroz e feijão. Além disso, o Sul de Minas concentrava grande parte do rebanho de gado bovino estadual, além de ser o principal produtor de laticínios de Minas Gerais em 1920. Nota-se também que, apesar da importância da lavoura do café na área cultivada no Leste de Minas, essa região possuía o segundo maior índice de diversificação agrícola do estado mineiro em 1920. Isto possivelmente deve estar relacionado à menor concentração da propriedade fundiária nessa região, como sugerem os indicadores apresentados na próxima seção.

### 3. Distribuição da propriedade fundiária no estado de Minas Gerais em 1920

O Censo Agrícola do Brasil de 1920 apurou informações de 115.655 estabelecimentos rurais de Minas Gerais. Somadas, as áreas desses imóveis totalizavam 27.390.536 hectares, o que correspondia a 46,1% da superfície territorial do estado mineiro e 15,6 % da área total das propriedades agrícolas recenseadas no Brasil naquele ano. A Tabela 7 apresenta as estatísticas agrárias de Minas Gerais em 1920.

Tabela 7 – Distribuição das propriedades rurais do estado de Minas Gerais em 1920

Extensão das propriedades	Número de propriedades	%	Área média em hectares	Área total em hectares	%
Menos de 41 hectares	37.375	32,32	21	790.151	2,88
41 a 100 hectares	32.650	28,23	69	2.247.844	8,21
101 a 200 hectares	19.966	17,26	149	2.975.413	10,86
201 a 400 hectares	12.883	11,14	290	3.731.492	13,62
401 a 1.000 hectares	8.773	7,59	629	5.520.726	20,16
1.001 a 2.000 hectares	2.440	2,11	1.421	3.466.410	12,66
2.001 a 5.000 hectares	1.174	1,02	3.100	3.638.838	13,29
5.001 a 10.000 hectares	261	0,23	7.031	1.835.076	6,70
10.001 a 25.000 hectares	95	0,08	14.065	1.336.211	4,88
25.001 e mais hectares	38	0,03	48.641	1.848.375	6,75
Total	115.655	100	237	27.390.536	100

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir das informações do Censo Agrícola de 1920 (BRASIL, 1923, p. 42-43).

Nota-se na Tabela 7 que, em 1920, mais de 60% dos estabelecimentos rurais mineiros possuíam menos de 101 hectares, isto é, eram pequenas e médias propriedades agrícolas. Convém observar, segundo Wirth (1982), na época, os imóveis rurais de Minas Gerais que tinham menos de 101 hectares podiam ser classificados como pequenas (menos de 41 hectares) e médias (entre 41 e 100 hectares) propriedades. Ainda segundo esse autor, as grandes fazendas mineiras possuíam entre 101 e 1.000 hectares de terras, enquanto os latifúndios tinham mais de 1.000 hectares de terras (WIRTH, 1982).<sup>5</sup> Assim sendo, em 1920, as grandes propriedades correspondiam a 36% dos 115.655 imóveis rurais recenseados em Minas Gerais, enquanto os latifúndios representavam 3,5% desse total, conforme a Tabela 8 a seguir.

Tabela 8 – Classificação das propriedades rurais do estado de Minas Gerais em 1920

<sup>5</sup> As observações de Wirth (1982) se aproximam da classificação fundiária de Prado Jr. (1945), que, baseado em características típicas das fazendas paulistas, definiu grandes propriedades como aquelas que tinham de 100 a 500 alqueires e latifúndios como fazendas com mais de 500 alqueires. Como pequenas propriedades aquelas contendo até 25 alqueires; propriedades médias, entre 25 e 100 alqueires; e grandes fazendas como aquelas com mais de 100 alqueires. Mais tarde, Milliet (1946) observou que entre propriedades de 100 e 500 alqueires, existiam características distintas. Assim sendo, ele sugeriu que as fazendas com mais de 500 alqueires seriam mais bem caracterizadas como latifúndio, incluindo, desse modo, uma classe de propriedade na classificação originalmente proposta por Caio Prado Júnior. Em termos de hectares, a classificação Prado Jr-Milliet seria a seguinte: menos de 60,5 hectares para pequenas propriedades; entre 101 e 242 hectares para propriedades médias; mais de 242 hectares e menos de 1.210 hectares para grandes estabelecimentos agrícolas; mais de 1.210 hectares para latifúndios. Vale notar, 1 alqueire paulista = 2,42 hectares ou 24.200 m<sup>2</sup>.

Classificação das propriedades	Número de propriedades	%	Área média em hectares	Área total em hectares	%
Pequenas e médias	70.025	60,5	43	3.037.995	11,1
Grandes	11.213	36,0	294	12.227.631	44,6
Latifúndios	1.568	3,5	3.025	12.124.910	44,3
Total	115.655	100	237	27.390.536	100

Fonte: Tabela 7.

Vê-se na Tabela 8 que, apesar do predomínio do número de pequenas e médias propriedades na estrutura fundiária de Minas Gerais, a área total ocupada por esses imóveis representava apenas 11,1% da extensão das terras dos estabelecimentos rurais recenseados no estado mineiro em 1920. Por outro lado, a superfície territorial ocupada pelas grandes fazendas era mais de quatro vezes maior do que a área total das pequenas e médias propriedades. Além disso, na Tabela 8, chama a atenção o fato de que os latifúndios representavam apenas 0,11% dos imóveis rurais de Minas Gerais, mas ocupavam uma área superior à soma das extensões das pequenas e médias propriedades mineiras. Essa disparidade na distribuição da terra sugere que, em 1920, o predomínio do número absoluto de pequenas e médias propriedades não se traduziu em menor concentração fundiária no estado mineiro, conforme indica o índice de Gini de 0,726 apresentado na Tabela 9.<sup>6</sup>

Tabela 9 – Concentração da área apropriada por proprietários de terra nas macrorregiões e estado de Minas Gerais em 1920

Regiões/MG	Gini
Noroeste	0,770
Norte	0,740
Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	0,711
Centro-Oeste	0,697
Sul	0,688
Central	0,644
Mata	0,618
Leste	0,592
Minas Gerais	0,726

Nota: A metodologia de estimação do Gini segue Hoffmann (1979; 1998).

Fonte: Elaboração dos autores a partir das informações do Censo Agrícola de 1920 (BRASIL, 1923, p. 153-163).

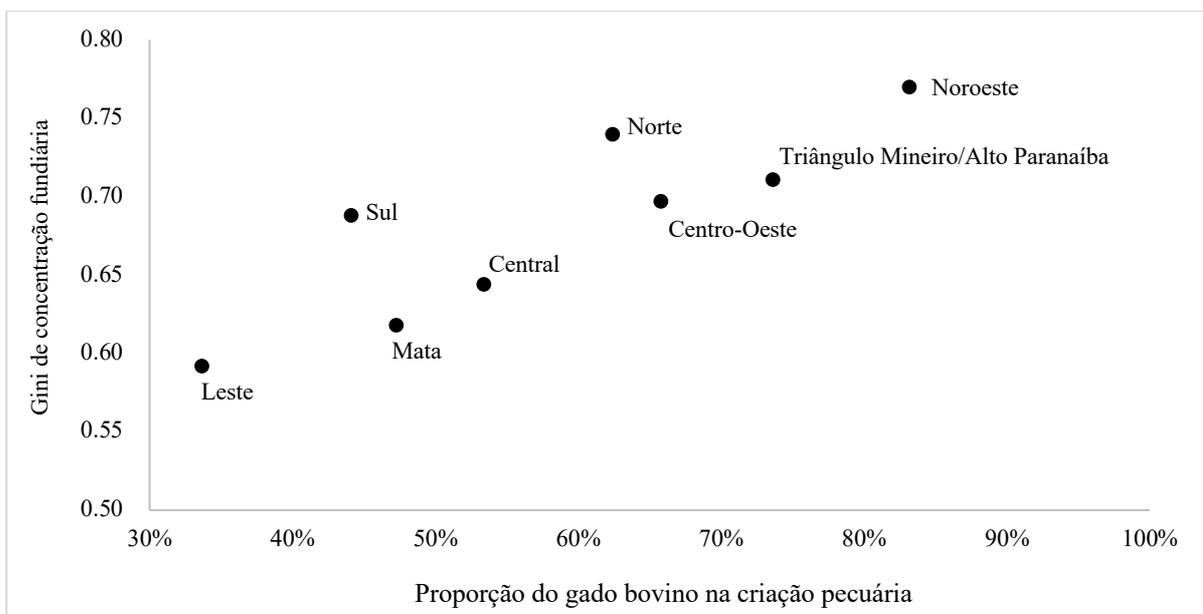
Regionalmente, verifica-se na Tabela 9 que, em 1920, o Triângulo Mineiro, Norte, Noroeste e Centro-Oeste de Minas, na época, regiões especializadas na criação pecuária de bovinos (Figura 2), possuíam os maiores índices de concentração fundiária entre proprietários de terras no estado mineiro. Cabe destacar, em 1920, quase três quartos dos estabelecimentos agrícolas do Norte de Minas eram pequenas e médias propriedades. Não obstante, esses imóveis

<sup>6</sup> O índice de concentração de Gini varia entre 0 (perfeita igualdade) e 1 (perfeita desigualdade), de modo que, quanto mais próximo o índice estiver de 1 (um), maior a desigualdade.

rurais ocupavam pouco mais de 10% da área total dos estabelecimentos agrícolas recenseados nessa região, enquanto as terras das grandes propriedades e latifúndios compreendiam quase 90% da extensão territorial total dos imóveis rurais do Norte de Minas. Na mesma época, no Noroeste do estado mineiro, a estrutura fundiária era predominantemente composta por grandes propriedades (62,1%) e latifúndios (29%), sendo que as terras latifundiárias ocupavam 87% da área total dos imóveis rurais dessa região. Por outro lado, no Triângulo Mineiro, embora quase 40% dos estabelecimentos agrícolas possuíssem menos de 101 hectares de terras, o conjunto dessas pequenas e médias propriedades correspondia a apenas 4% da área total dos imóveis rurais da região, enquanto os latifúndios, que representavam pouco mais de 10% das propriedades agrícolas do Triângulo Mineiro, compreendiam 61% da extensão territorial total das terras inventariadas nessa região em 1920.

De outra parte, nas zonas cafeeiras Sul, Mata e Leste, onde as propriedades rurais com menos de 1.001 hectares eram predominantes, a desigualdade na distribuição da terra era relativamente menor, embora o valor do Gini de concentração fundiária nessas regiões não fosse desprezível (Tabela 9), principalmente no Sul de Minas, onde, como visto, a atividade pecuária era muito forte em 1920. A esse respeito, verifica-se na Figura 5 a existência de uma relação positiva entre o Gini de concentração fundiária e a proporção do rebanho bovino na criação pecuária das regiões de Minas Gerais em 1920.

Figura 5 – Minas Gerais: participação do gado bovino na criação pecuária e concentração fundiária regional em 1920



Fonte: Tabelas 2 e 9.

A Figura 5 mostra nitidamente que, em 1920, a terra era mais fortemente concentrada nas regiões onde a atividade pecuária, particularmente a criação de gado bovino, apresentava maior relevância econômica regional. Ao mesmo tempo, verifica-se um Gini de concentração

fundiária relativamente menor nas zonas cafeeiras Leste, Mata e Sul. Convém lembrar, apesar da importância do café, essas regiões eram as principais áreas de produção de alimentos do estado mineiro em 1920. Somadas, as lavouras do Leste, Mata e Sul de Minas ocupavam cerca de 40% da área total cultivada em Minas Gerais, exclusive o café. Não obstante, enquanto o Leste possuía o segundo maior índice de diversificação agrícola do estado mineiro na época, o Sul e a Mata estavam entre as regiões com menor índice de diversificação na agricultura estadual, embora seus indicadores estivessem longe de ser desprezíveis (Figura 3).

À vista disso, a próxima seção busca examinar a relação entre concentração de propriedade da terra e produção agrícola regional no estado de Minas Gerais em 1920. Antes, porém, é importante advertir que os resultados dos índices de Gini apresentados anteriormente medem o grau de concentração da área total apropriada pelos proprietários de terra, ou seja, os não proprietários (arrendatários, agregados e inquilinos) não foram incluídos nas estimativas. A inclusão dos não proprietários de terras tenderia a elevar o grau de concentração fundiária nos municípios e regiões mineiras.<sup>7</sup> Portanto, deve-se compreender os índices de Gini acima como estimativas mais baixas da desigualdade na distribuição da propriedade da terra no estado de Minas Gerais em 1920.

#### **4. Gini de concentração fundiária e estrutura produtiva agrícola do estado e regiões de Minas Gerais em 1920**

Como visto, a propriedade da terra nas regiões Noroeste e Norte de Minas Gerais era fortemente concentrada em 1920, sendo essas as regiões que apresentavam os maiores Gini de concentração fundiária no estado mineiro naquele ano. Não obstante, enquanto o Norte de Minas tinha o maior índice de diversificação agrícola estadual, o Noroeste mineiro possuía o segundo menor indicador de diversificação na agricultura de Minas Gerais. Esse contraste nos indicadores de diversificação agrícola parece estar relacionado às significativas diferenças na estrutura fundiária dessas duas regiões. Por exemplo, no Noroeste, os latifúndios representavam 29% dos imóveis rurais e compreendiam a maior parte (87%) da superfície territorial dos estabelecimentos agrícolas dessa região. As grandes propriedades, que correspondiam a mais de 60% dos imóveis rurais, ocupavam pouco mais de um sétimo da área total dos latifúndios, enquanto as pequenas e médias propriedades compreendiam apenas 0,3% da soma da superfície territorial dos imóveis agrícolas do Noroeste de Minas em 1920. Por outro lado, no Norte do estado mineiro, as propriedades agrícolas com menos de 1.001 hectares representavam 96,5% dos imóveis rurais dessa região e ocupavam praticamente a mesma extensão territorial dos

---

<sup>7</sup> Os índices de Gini de concentração fundiária nos municípios de Minas Gerais em 1920 são apresentados na Tabela A3 do Apêndice.

latifúndios, onde na maioria das vezes a área cultivada é proporcionalmente menor do que nas pequenas e médias propriedades. Assim sendo, mesmo com um Gini de concentração fundiária elevado, em 1920, o Norte de Minas apresentava o maior índice de diversificação na agricultura mineira, sendo predominante nessa região os cultivos de milho, arroz, feijão, cana de açúcar, além de diversos gêneros agrícolas destinados ao abastecimento do mercado interno. Não obstante, o grau de complexidade relativamente baixo que envolvia a produção desses gêneros comuns, combinado à fraca integração comercial desses produtos nos circuitos exportadores da época, parece ter limitado o desenvolvimento econômico do Norte de Minas.

Na mesma época, no Noroeste de Minas Gerais, a pecuária parecia ser mais relevante economicamente, sobretudo a criação de gado bovino, que representava 83,1% dos rebanhos existentes nessa região. Semelhante situação é observada no Triângulo Mineiro, região com o terceiro maior Gini de concentração fundiária de Minas Gerais em 1920. Cabe destacar, as características da criação bovina extensiva exigem grandes extensões de terras, bem como seu desenvolvimento requer áreas cada vez maiores, o que contribuiu para a maior concentração da propriedade fundiária nas regiões Triângulo Mineiro e Noroeste de Minas.

A criação de gado bovino também tinha importância na estrutura produtiva do Centro-Oeste de Minas Gerais, região onde, em 1920, o Gini de concentração fundiária era bastante elevado. Vale notar, as proximidades geográfica e sociocultural das regiões Centro-Oeste, Noroeste e Triângulo Mineiro pareciam exercer alguma influência na atividade econômica regional, afetando, por conseguinte, os indicadores de concentração fundiária e produção agropecuária dessas duas regiões, que são bastante similares.

Diferentemente das regiões Triângulo Mineiro, Centro-Oeste e Norte de Minas, onde, apesar da forte concentração da propriedade da terra, encontravam-se altos índices de diversificação agrícola em 1920, no Sul de Minas o grau relativamente baixo de diversificação na agricultura estava aparentemente relacionado a maior concentração fundiária. Nota-se que no Sul de Minas, embora grande parte (72,7%) dos estabelecimentos rurais fosse pequenas e médias propriedades, o Gini de 0,688 indica uma forte desigualdade na distribuição da terra. Ao mesmo tempo, verifica-se uma diversificação da produção agrícola relativamente baixa nessa região. Esse contraste pode estar relacionado ao fato de que, em 1920, o Sul de Minas concentrava o segundo maior rebanho de gado bovino de Minas Gerais, além de ser o principal produtor de laticínios do estado mineiro. Além disso, na época, o Sul era uma das principais zonas cafeeiras e também o maior produtor de fumo de Minas Gerais. As características extensivas das atividades pecuária, cafeeira e fumageira ajudam a entender o fato de que, embora representassem pouco mais um quarto dos imóveis rurais do Sul de Minas, as grandes

propriedades e latifúndios ocupavam uma área equivalente a quase 80% da extensão territorial total dos imóveis agrícolas da região.

Na região Central de Minas Gerais, o Gini de concentração fundiária era relativamente menor que o observado no Sul do estado mineiro. Entretanto, a estrutura fundiária, o índice de diversificação agrícola e a característica extensiva das principais atividades agropecuárias da região Central eram semelhantes às do Sul de Minas. Por exemplo, na área Central do estado mineiro, as pequenas e médias propriedades representavam mais da metade dos imóveis rurais, porém, a extensão total das terras desses imóveis compreendia aproximadamente um oitavo da superfície territorial das grandes fazendas e latifúndios da região, que, em 1920, era a terceira maior produtora de laticínios de Minas Gerais. Além disso, a zona Central apresentava uma produção agrícola baseada nos cultivos de cana de açúcar e café, isto é, gêneros característicos da grande lavoura.

Não obstante, em 1920, as regiões mineiras que apresentavam os menores Gini de concentração fundiária eram as zonas cafeeiras Mata e Leste, que, na época, eram as únicas regiões de Minas Gerais com especialização produtiva na lavoura do café. No Leste ainda se encontravam o segundo maior índice de diversificação agrícola e a menor desigualdade na distribuição da propriedade da terra. Por outro lado, a zona da Mata, principal região cafeeira e segunda maior produtora de laticínios do estado mineiro em 1920, apresentava o menor índice de diversificação na produção agrícola estadual. Vale notar, assim como no Sul de Minas, na zona da Mata o menor grau de diversificação agrícola parece estar relacionado à relevância da atividade pecuária na economia regional, bem como ao fato de que, quanto maior a participação da lavoura cafeeira na área plantada da região, menor era o grau de diversificação agrícola – ver Figura 4.

Em resumo, em 1920, o maior ou menor grau de diversificação agrícola nas regiões mineiras não parece estar associado a maior ou menor concentração fundiária. Esta, porém, parece ser mais forte nas regiões de Minas Gerais onde a atividade pecuária que envolvia a criação de bovinos e produção de laticínios era mais relevante. Além disso, os indicadores calculados a partir dos dados censitários de 1920 corroboram a tese de que umas das principais características da formação econômica de Minas Gerais é sua estrutura produtiva heterogênea com base econômica diversificada e dinâmica.

## **5. Conclusões**

Os indicadores apresentados neste artigo levam a duas importantes conclusões. Em primeiro lugar, os índices de especialização e diversificação agrícola demonstram que, no estado de Minas Gerais, somente as zonas cafeeiras Mata e Leste eram especializadas no cultivo do café em 1920. Ao mesmo tempo, verificou-se que a maior importância da produção cafeeira

nessas regiões não resultou em baixa diversificação no cultivo agrícola, sendo o Leste a segunda região com o maior índice de diversificação na agricultura do estado mineiro na época. Não obstante, na zona da Mata, a especialização quase exclusiva no cultivo do café limitou a diversificação agrícola na região. O Sul de Minas, segunda maior zona cafeeira do Estado, não era especializado na cafeicultura e, em 1920, apresentava um dos menores índices estaduais de diversificação agrícola. Por outro lado, Sul e Mata também estavam entre as principais regiões mineiras produtoras de laticínios, o que indica uma diversificação produtiva mais ampla.

Por outro lado, as regiões Triângulo Mineiro, Centro-Oeste, Norte e Noroeste de Minas possuíam especialização produtiva na agricultura não-exportadora, isto é, no cultivo de milho, arroz, feijão e diversos gêneros agrícolas cuja produção era basicamente destinada ao abastecimento do mercado interno. Além disso, em 1920, as regiões Norte, Centro-Oeste e Triângulo Mineiro eram as zonas com os maiores índices de diversificação agrícola de Minas Gerais. Ao mesmo tempo, essas três regiões destacavam-se no contexto da pecuária extensiva, principalmente na criação de gado bovino, atividade na qual o Norte, Centro-Oeste e Triângulo Mineiro possuíam especialização produtiva. Em suma, apesar da relevância das atividades pecuária e cafeeira no contexto econômico brasileiro das primeiras décadas do século XX e da importância de Minas Gerais na produção de café e de laticínios no Brasil, o estado mineiro apresentava, em 1920, uma estrutura produtiva agropecuária regionalmente diversificada.

A segunda conclusão que os indicadores apresentados neste estudo permitem diz respeito à desigualdade na distribuição da propriedade da terra. A partir dos dados extraídos do censo agrícola do Brasil de 1920, verificou-se que, apesar do grande número de pequenas e médias propriedades na estrutura fundiária de Minas Gerais, a concentração da propriedade da terra no conjunto do estado mineiro mostrou-se bastante elevada, como demonstrou o índice de Gini de 0,726. Não obstante, esse resultado revela que, em 1920, a desigualdade na distribuição da propriedade fundiária em Minas Gerais era menor que a concentração fundiária entre proprietários de terras em São Paulo (0,766), Santa Catarina (0,766), Rio Grande do Sul (0,800) e Paraná (0,811) – ver Tabela A3 do Apêndice. É importante observar, ao contrário do que geralmente se supõe, a desigualdade na distribuição da propriedade da terra nos estados do sul do Brasil não era menor que na região sudeste do país nas primeiras décadas do século XX. Além disso, considerando a inércia da mudança na estrutura fundiária brasileira, é razoável supor que a concentração fundiária em 1920 era, em grande medida, semelhante à desigualdade na distribuição da propriedade da terra nas últimas décadas do século XIX.

Regionalmente, verificou-se uma maior concentração fundiária nas regiões Noroeste, Norte e Triângulo Mineiro, enquanto as zonas cafeeiras Mata e Leste apresentaram os menores Gini de concentrações fundiárias do estado mineiro em 1920. Cabe destacar, no Triângulo

Mineiro e Noroeste de Minas, a pecuária tinha grande importância relativa na economia local. Assim sendo, a disparidade na distribuição da propriedade da terra nessas regiões não é surpreendente, uma vez que as características da atividade pecuária extensiva contribuem para a maior concentração da propriedade fundiária. Por outro lado, é surpreendente o fato de as zonas cafeeiras Mata e Leste apresentarem os menores de Gini de concentração fundiária de Minas Gerais em 1920, uma vez que no Brasil geralmente se associa agricultura exportadora a latifúndio e este à concentração da propriedade da terra. Porém, nota-se que, no estado de Minas Gerais, o café era predominantemente cultivado em pequenas e médias propriedades, isto é, em imóveis rurais com menos de 101 hectares, e em fazendas com área entre 101 e 1.001 hectares, sendo estas predominantes em relação àquelas. Assim sendo, os latifúndios ocupavam a menor parcela da área cultivada nas zonas cafeeiras da Mata e do Leste de Minas Gerais.

Situação semelhante é observada no Sul de Minas, onde, apesar da maior concentração fundiária, nota-se que o café era predominantemente cultivado em propriedades com menos de 1.001 hectares de terras. Assim sendo, é provável que a maior desigualdade fundiária no Sul de Minas, segunda maior região produtora de café do estado mineiro em 1920, esteja relacionada ao fato de essa região também apresentar uma forte atividade pecuária, concentrando, nessa época, o segundo maior rebanho bovino do estado de Minas Gerais e ocupando o primeiro lugar entre as regiões mineiras produtoras de laticínios.

Por fim, merece ser destacado o fato de o Leste de Minas Gerais, terceira maior região cafeeira do estado mineiro, apresentar o segundo maior índice de diversificação agrícola estadual em 1920, atrás do Norte de Minas, que, ao contrário do Leste, apresentava uma forte concentração fundiária. Semelhantemente, o Triângulo Mineiro, que possuía o terceiro maior índice de concentração fundiária estadual na época, estava entre as zonas com os maiores índices de diversificação agrícola de Minas Gerais em 1920. Portanto, o maior ou menor grau de diversificação na agricultura mineira não parece estar relacionado com o maior ou menor grau de desigualdade na distribuição da propriedade da terra. Por outro lado, a maior ou menor intensidade da atividade pecuária parece influenciar no grau de concentração fundiária regional, como nos casos das regiões Triângulo Mineiro, Centro-Oeste, Noroeste e Sul de Minas.

## Fontes

BRASIL. *Recenseamento do Brazil, Realizado em 1 de setembro de 1920*. Agricultura. Vol. III, 1ª parte. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1923.

BRASIL. *Recenseamento do Brazil, Realizado em 1 de setembro de 1920*. Agricultura. Vol. III, 2ª parte. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1924.

## Referências Bibliográficas

COLISTETE, R. P. “Regiões e especialização na agricultura cafeeira: São Paulo no início do século XX”. *Revista Brasileira de Economia*, v. 69, 331-354, 2015.

CROCCO, M. A.; GALINARI, R.; SANTOS, F.; LEMOS, M. B.; SIMÕES, R. “Metodologia de identificação de aglomerações produtivas locais”. *Nova Economia*, v. 16, n. 2, 211-241, 2006

FERREIRA, Luiz M. S. *Estrutura fundiária e concentração da propriedade da terra na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920*. Estudos Econômicos, São Paulo, vol.50 n.3, p.485-512, jul.-set. 2020.

HOFFMANN, R. “Estimação da desigualdade dentro de estratos no cálculo do índice de Gini e da redundância”. *Pesquisa e Planejamento Econômico*. Rio de Janeiro, 9(3), 719-738, 1979.

HOFFMANN, R. *Distribuição de Renda, Medidas de Desigualdade e Pobreza*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1998, Capítulo 3.

LENHARO, A. *As tropas da moderação*. O abastecimento da corte na formação política do Brasil 1808 – 1842. São Paulo: Símbolos, 1979.

MILLIET, S. “O Desenvolvimento da Pequena Propriedade no Estado de São Paulo”. In: *Roteiro do Café e Outros Ensaios*. Contribuição para o Estudo da História Econômica e Social do Brasil. São Paulo: BIPA, 1946.

PAIVA, C. A. *População e economia nas Minas Gerais do Século XIX*. (Tese de doutorado). São Paulo: FFLCH-USP, 1996.

PAIVA, C. A.; GODOY, M. M. *Território de contrastes economia e sociedade das minas gerais do século XIX*. Anais do X Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: Cedeplar, UFMG, p. 1-58, 2002.

PRADO JR., C. “Distribuição da Propriedade Fundiária Rural no Estado de São Paulo”. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, v.3, nº. 29, p.692-700, 1945.

REIS, E. J.; PIMENTEL, M.; ALVARENGA, A. I.; SANTOS, M. C. H. “Áreas mínimas comparáveis para os períodos intercensitários de 1872 a 2000”. *Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Passado Presente nos Velhos Mapas: conhecimento e poder. Paraty/RJ, 2011

SINGH, J.; DHILLON, S. *Agricultural geography*. 3<sup>rd</sup> Ed. New Dheli: Tata McGraw-Hill, 2004

WIRTH, J. D. *Fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

## APÊNDICE

Quadro A1 – Regiões e municípios do estado de Minas Gerais em 1920

Regiões	Municípios
Central	Barbacena, Bello Horizonte, Bomfim, Caethé, Conceição do Serro, Contagem, Entre Rios, Itabira, Lagôa Dourada, Marianna, Ouro Preto, Pará, Paraopeba, Pequy, Pitangy, Prados, Queluz, Rio Piracicaba, Sabará, Sant'Anna dos Ferros, Santa Barbara, Santa Quitéria, Santa Luzia do Rio das Velhas, São Domingos do Prata, São João d'El-Rey, Serro, Sete Lagôas, Tiradentes, Villa Nepomuceno, Villa Nova de Lima e Villa Rezende Costa.
Sul	Agua Virtuosas, Alfenas, Arceburgo, Areado, Ayuruoca, Baependy, Cabo Verde, Caldas, Cambuhy, Campanha, Campestre, Campos Gerais, Caracol, Carmo do Rio Claro, Cassia, Caxambú, Christina, Conceição do Rio Verde, Dôres da Boa Esperança, Eloy Mendes, Extrema, Guaranésia, Guaxupé, Itajubá, Jacuhy, Jacutinga, Jaguaray, Lavras, Maria da Fé, Monte Santo, Muzambinho, Ouro Fino, Paraguassú, Paraisópolis, Passa Quatro, Passos, Pedra Branca, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Pouso Alto, Santa Rita do Sapucahy, São Gonçalo do Sapucahy, São Sebastião do Paraíso, Silvanópolis, São José dos Botelhos, Sylvestre Ferraz, Três Corações do Rio Verde, Três Pontas, Turvo, Varginha, Villa Braz, Villa de Cambuquira, Villa Nova de Rezende e Virginia.
Centro-Oeste	Abaeté, Aparecida de Claudio, Bambuhy, Bom Despacho, Bom Sucesso, Campo Bello, Curvello, Divinópolis, Dôres do Indayá, Formiga, Itapecerica, Itaúna, Oliveira, Passa Tempo, Perdões, Piumhy e Santo Antônio do Monte.
Leste	Aymorés, Antônio Dias, Arassuahy, Capellinha, Caratinga, Diamantina, Fortaleza, Jequitinhonha, Minas Novas, Peçanha, Rio José Pedro, São João Baptista, São João Evangelista, São Manuel do Mutum, São Miguel de Guanhões e Theophilo Ottoni.
Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	Abadia do Bom Sucesso, Araguary, Araxá, Carmo Parahyba, Conquista, Estrella do Sul, Fructal, Ituyutaba, Monte Alegre, Monte Carmello, Patos, Patrocínio, Prata, Sacramento, São Gothardo, Uberaba e Uberabinha.
Mata	Abre Campo, Alvinópolis, Alto Rio Doce, Carangola, Cataguases, Guarany, Guarará, Juiz de Fora, Leopoldina, Lima Duarte, Manhuassú, Mar de Hespanha, Mercês, Palma, Palmyra, Piranga, Pomba, Ponte Nova, Rio Branco, Rio Casca, Rio Novo, Rio Preto, São João Nepomuceno, São José d'Além Parahyba, São Manoel, São Paulo do Muriahé, Ubá, Viçosa e Villa Rio Espera.
Norte	Bôa Vista do Tremedal, Bocayuva, Grão Mogol, Inconfidência, Januária, Montes Claros, Pirapora, Rio Pardo, Salinas, São Francisco e Villa Brazilia.
Noroeste	João Pinheiro e Paracatu

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir das informações da base cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos dados referentes às Áreas Mínimas Comparáveis (AMC) para 1920, disponibilizados no Ipeadata.

Tabela A1 – Minas Gerais: diversificação da produção agrícola regional em 1920

Regiões/MG	Índice de diversificação agrícola
Norte	0,862
Leste	0,815
Centro-Oeste	0,806
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	0,805
Sul	0,773
Central	0,770
Noroeste	0,763
Mata	0,715
Minas Gerais	0,807

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir do censo agropecuário brasileiro de 1920 (BRASIL, 1924, p. 369-381)

Tabela A2 – Minas Gerais: Gini de concentração fundiária entre proprietários de terras nos municípios mineiros em 1920

Município	Gini	Município	Gini
Abaeté	0,68	Campestre	0,76
Abadia do Bom Sucesso	0,63	Campo Bello	0,63
Abre Campo	0,53	Campos Geraes	0,68
Águas Virtuosas	0,62	Capelinha	0,55
Alfenas	0,63	Caracol	0,69
Alto Rio Doce	0,47	Carangola	0,57
Alvinópolis	0,53	Caratinga	0,49
Antonio Dias	0,46	Carmo do Paranaíba	0,64
Apparecida do Claudio	0,61	Carmo do Rio Claro	0,72
Araguary	0,63	Cassia	0,55
Arassuaçu	0,57	Cataguazes	0,62
Araxá	0,73	Caxambú	0,61
Arceburgo	0,70	Christina	0,57
Areão	0,60	Conceição do Rio Verde	0,66
Aymorés	0,46	Conceição do Serro	0,54
Ayruoca	0,53	Conquista	0,67
Baependy	0,64	Contagem	0,62
Bambuhy	0,65	Curvelo	0,78
Barbacena	0,63	Diamantina	0,79
Belo Horizonte	0,73	Divinópolis	0,64
Bôa Vista do Tremedal	0,45	Dôres da Bôa Esperança	0,76
Bocayuva	0,86	Dôres do Indaia	0,70
Bom Despacho	0,66	Eloy Mendes	0,74
Bom Sucesso	0,60	Entre Rios	0,62
Bomfim	0,54	Estrela do Sul	0,59
Cabo Verde	0,60	Extrema	0,60
Caeté	0,68	Formiga	0,66
Caldas	0,66	Fortaleza	0,60
Cambuhy	0,60	Frutal	0,70
Campanha	0,60	Grão Mogol	0,52

*Continua*

*Continuação*

<b>Município</b>	<b>Gini</b>	<b>Município</b>	<b>Gini</b>
Guaranesia	0,66	Peçanha	0,52
Guarany	0,59	Pedra Branca	0,62
Guarará	0,64	Pequy	0,67
Guaxupé	0,69	Perdões	0,54
Inconfidencia	0,69	Piranga	0,46
Itabira	0,48	Pirapora	0,82
Itajubá	0,66	Pitanguy	0,70
Itapeçerica	0,54	Piumhy	0,61
Itaúna	0,66	Poços de Caldas	0,65
Ituyutaba	0,70	Pomba	0,57
Jacuhy	0,58	Ponte Nova	0,63
Jacutinga	0,61	Pouso Alegre	0,63
Jaguary	0,68	Pouso Alto	0,64
Januaria	0,73	Prados	0,52
João Pinheiro	0,81	Prata	0,67
Juiz de Fora	0,65	Queluz	0,50
Lagôa Dourada	0,50	Rio Branco	0,60
Lavras	0,60	Rio Casca	0,60
Leopoldina	0,62	Rio José Pedro	0,57
Lima Duarte	0,56	Rio Novo	0,63
Manhuassú	0,51	Rio Pardo	0,43
Mar de Espanha	0,63	Rio Piracicaba	0,54
Maria da Fé	0,55	Rio Preto	0,57
Marianna	0,66	Sabará	0,67
Mercês	0,56	Sacramento	0,71
Minas Novas	0,56	Salinas	0,49
Monte Alegre	0,71	Santa Barbara	0,69
Monte Carmello	0,64	Santa Luzia do Rio das Velhas	0,73
Monte Santo	0,65	Santa Quitéria	0,74
Montes Claros	0,65	Santa Rita do Sapucahy	0,57
Muzambinho	0,64	Sant'Anna dos Ferros	0,56
Oliveira	0,63	Santo Antonio do Machado	0,68
Ouro Fino	0,63	Santo Antonio do Monte	0,62
Ouro Preto	0,67	São Domingos do Prata	0,56
Palma	0,59	São Francisco	0,65
Palmyra	0,60	São Gonçalo do Sapucahy	0,59
Pará	0,59	São Gotardo	0,68
Paracatú	0,69	São João Baptista	0,55
Paraguassú	0,71	São João d'El-Rey	0,59
Paraisópolis	0,66	São João Evangelista	0,51
Paraopeba	0,83	São João Nepomuceno	0,61
Passa Quatro	0,67	São José d'Além Parahyba	0,65
Passa Tempo	0,63	São José dos Botelhos	0,65
Passos	0,60	São Manoel	0,63
Patos	0,76	São Manoel do Mutum	0,50
Patrocínio	0,64	São Miguel de Guanhães	0,54

*Continua*

*Continuação*

<b>Município</b>	<b>Gini</b>	<b>Município</b>	<b>Gini</b>
São Paulo do Muriaé	0,59	Uberabinha	0,74
São Sebastião do Paraíso	0,68	Varginha	0,73
Serro	0,56	Viçosa	0,55
Sete Lagôas	0,70	Villa Braz	0,57
Silvianópolis	0,57	Villa Brazilia	0,53
Sylvestre Ferraz	0,64	Villa de Cambuquira	0,55
Theophilo Ottoni	0,47	Villa do Rio Espera	0,48
Tiradentes	0,50	Villa Jequitinhonha	0,54
Tres Corações do Rio Verde	0,64	Villa Nepomuceno	0,61
Tres Pontas	0,72	Villa Nova de Lima	0,82
Turvo	0,57	Villa Nova de Rezende	0,59
Ubá	0,64	Villa Rezende Costa	0,35
Uberaba	0,69	Virginia	0,57

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir das informações de Brasil (1923, p. 153-163)

**Tabela A3 – Gini de concentração fundiária entre proprietários de terras no Brasil e Unidades da Federação, 1920**

<b>Brasil/UFs</b>	<b>Gini</b>
Brasil	0,835
Espírito Santo	0,567
Pernambuco	0,627
Ceará	0,721
Rio de Janeiro	0,724
Rio Grande do Norte	0,724
Alagoas	0,725
Minas Gerais	0,726
Maranhão	0,742
Paraíba	0,747
Sergipe	0,761
Mato Grosso	0,761
São Paulo	0,766
Santa Catarina	0,766
Goiás	0,784
Rio Grande do Sul	0,800
Paraná	0,811
Bahia	0,811
Piauí	0,821
Distrito Federal	0,835
Pará	0,877
Amazonas	0,902
Território do Acre	0,937

**Fonte:** Ferreira (2020, p. 512)